

O MOVIMENTO ESCOLA SEM PARTIDO E A “ESCOLA COM RELIGIÃO”: aproximações a partir da série *Star Trek: Deep Space Nine*

THE NONPARTISAN SCHOOL MOVEMENT AND “SCHOOL WITH RELIGION”: approaches based on the *Star Trek: Deep Space Nine* Series

Eduardo Pacheco Freitas¹

Resumo: Este artigo tem como primeiro objetivo analisar o cerceamento da liberdade de ensinar por parte do movimento conhecido como Escola sem Partido (ESP), que, ao afirmar que os professores na verdade são doutrinadores de esquerda, pretende limitar a atuação deles em sala de aula, através de legislação que tornaria legal a perseguição e intimidação aos educadores. Em segundo lugar, é nosso objetivo estabelecer, neste contexto, as relações entre a liberdade de cátedra e o ensino laico, já que o movimento ESP, de cunho nitidamente conservador, ataca a primeira e relativiza o segundo. Por fim, utilizaremos o episódio “*In the hands of prophets*” (Nas mãos dos profetas), da série de ficção científica *Star Trek: Deep Space Nine*, para efetuar a leitura e propor reflexões acerca dos problemas de pesquisa apresentados no texto.

Palavras-chave: Liberdade de ensinar. Ensino laico. Escola sem Partido. *Star Trek: Deep Space Nine*.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the restriction of the freedom of teaching proposed by the movement known as the Nonpartisan School (ESP), which, by claiming that teachers are actually left-wing indoctrinators, intends to limit – through a legislation that would make it legal to persecute and intimidate educators – their activity in the classroom. Secondly, it is our objective to establish, in this context, the relations between academic freedom and secular teaching, since the ESP movement, which is clearly conservative, attacks the former and relativizes the latter. Finally, we use an episode of the science fiction series *Star Trek: Deep Space Nine* to interpret and propose reflections on the research problems presented in the text.

Keywords: Freedom of teaching. Secular teaching. Nonpartisan School. *Star Trek: Deep Space Nine*.

1 INTRODUÇÃO

Em tempos onde o obscurantismo caminha a passos largos, seja em suas teorias terraplanistas, seja na crítica ao evolucionismo e na defesa do criacionismo, ou ainda: na contestação dos direitos das minorias sociais, o trabalho dos professores vem sendo sistematicamente atacado por movimentos de setores conservadores que têm como objetivo desacreditar o papel libertador e promotor do pensamento crítico da educação. São movimentos de caráter retrógrado que, em última análise, advogam não ser papel da escola se contrapor ao senso comum e que “confundem a educação escolar com aquela fornecida pelos pais e, com isso, o espaço público e privado, o princípio da laicidade do Estado, o plu-

ralismo de ideias e de concepções pedagógicas” (GABATZ, 2018, p. 324).

Após o golpe de 2016, que mergulhou o país em uma situação caótica – de profunda insegurança jurídica – com riscos reais à democracia, torna-se evidente que qualquer forma de promoção do pensamento crítico e de contestação do *status quo* poderá ser reprimida. Os professores se encontram em situação de vulnerabilidade frente à escalada conservadora que se observa no país, seja através de projetos que buscam censurar o trabalho dos educadores, seja a partir da instrumentalização do Judiciário como esfera de patrulhamento ideológico. Devido a isto, é importante que professores reflitam sobre sua prática e sobre os fatores externos que a ameaçam no cotidiano escolar.

¹ Licenciado e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professor de História da rede estadual do Rio Grande do Sul. E-mail: eduardopachecofreitas@gmail.com

Portanto, partindo de nossa proposta de reflexão acerca destes desafios atuais enfrentados pelos professores, acreditamos que ferramentas como as produções audiovisuais, que já são aliadas dos educadores em sala de aula, tornam-se uma peça importante para que a realidade seja discutida e problematizada entre nós. Entendemos que a leitura de mundo que objetos culturais podem proporcionar ajudam os professores na compreensão do contexto no qual estão inseridos, a partir da análise das representações presentes em tais obras.

Um exemplo importante, objeto deste artigo, está na série televisiva de ficção científica *Star Trek: Deep Space Nine*², que, por meio de histórias que se passam no futuro, aborda problemas sociais da atualidade, funcionando como uma importante ferramenta de interpretação da realidade e, mais precisamente, de crítica a valores anacrônicos, comportamentos preconceituosos e ideologias dominantes. Comumente, tais categorias apresentam-se como naturais, encobrindo o fato de que são construções sociais, que na maior parte das vezes funcionam como instrumento de opressão de um grupo social sobre outro.

2 O PROJETO ESCOLA SEM PARTIDO

O Escola sem Partido (ESP) é um dos movimentos que mais se destaca na luta dos setores conservadores da sociedade contra a autonomia docente. Criado em 2004 pelo advogado paulista Miguel Nagib, após um episódio ocorrido na escola de sua filha (onde um professor teria feito uma analogia entre as vidas de Che Guevara e São Francisco de Assis), o projeto tem como objetivo combater aquilo que chama de “doutrinação política e ideológica em sala de aula” (PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO). Em sua visão, os professores são tidos como militantes políticos, que utilizam o ambiente escolar para propagar ideologias de esquerda, ferindo com isso a “liberdade de consciência” dos alunos.³

Como justificativa, o grupo cita o artigo 12, parágrafo 4º, da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, segundo o qual “os pais, e, quando for o caso, os tutores, têm direito a que seus filhos ou pupilos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções”.⁴ Alguns aspectos merecem

destaque: em primeiro lugar, este documento foi produzido em 1969, apresentando claramente uma perspectiva conservadora; em segundo lugar, a partir deste entendimento, podemos verificar que o ESP confunde aquilo que é privado com aquilo que é público, ao defender que a escola não possa problematizar ensinamentos familiares e religiosos, devendo funcionar, portanto, como instituição ratificadora do senso comum, algo que subverte completamente sua razão de existir. Por fim, embora tenha como objetivo manifesto evitar a politização do ambiente escolar, o programa revela que em seu entendimento a educação religiosa deve estar presente nas escolas e coincidir com aquela recebida pelos alunos em casa.

Através de ações articuladas entre o movimento e políticos de viés conservador – quando não reacionários – têm sido propostos em diversas casas legislativas país afora – a partir de suas interpretações deturpadas da Constituição Federal – projetos de lei com a intenção de intimidar professores, em um claro atentado à liberdade de cátedra, um dos pilares das sociedades democráticas. O projeto representa uma tentativa de amordaçar os educadores, ao sugerir que estes possuem “partido” (portanto, doutrinadores), enterrando a possibilidade de construção do conhecimento, que se dá através do diálogo entre educandos e educadores (FREIRE, 2005, p. 79). Sob o pretexto de combater uma suposta “doutrinação ideológica” por parte dos professores, o movimento revela sua própria ideologia, conservadora e a serviço dos grupos dominantes.

Assim, o ESP, por meio de expedientes grotescos, pretende colocar os educadores em constante vigilância, através de um cartaz a ser afixado em cada sala de aula do país com “mandamentos” a serem cumpridos por estes. Estimula-se, assim, a delação por parte dos alunos que considerem estar estas regras sendo desrespeitadas durante as aulas (de maneira muito semelhante àquelas delações ocorridas na Alemanha nazista). Desta forma, os professores passarão a exercer sua atividade com medo, sempre à espera de uma delação que poderá acontecer não somente devido ao desrespeito às regras expostas no cartaz, mas também por parte de alunos que simplesmente não simpatizem com o professor, como ocorria durante o nazismo:

² *Star Trek: Deep Space Nine* estreou nos Estados Unidos em 3 de janeiro de 1993 e esteve no ar durante sete temporadas, totalizando 176 episódios. Atualmente, além das reprises na TV, a série pode ser assistida em DVDs e em serviços de streaming de vídeos, como CBS All Access e Netflix.

³ A argumentação do ESP consiste apenas na crença de uma suposta “doutrinação” em sala de aula por parte dos professores, não sendo baseada em nenhum estudo que demonstre sua existência.

⁴ COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. *Convenção Americana sobre Direitos Humanos*. 1969. Disponível em: <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_americana.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.

O perigo de delação se fazia tão presente, que os professores viviam em constante estado de vigilância, e não apenas em relação à saudação nazista, mas também em suas falas durante as aulas. Esse temor era plenamente justificado, visto que, conforme sugere Evans (2011), qualquer gesto, atitude ou palavra impensada poderia resultar na detenção do professor; os próprios alunos, especialmente aqueles que não nutriam simpatia ou se sentiam perseguidos por determinado professor, se encarregavam de fazer a denúncia (BRANDT; MIALHE, 2013).

Segundo o projeto, o objetivo é “informar e conscientizar os estudantes sobre os direitos que correspondem àqueles deveres, a fim de que eles mesmos possam exercer a defesa desses direitos, já que dentro das salas de aula ninguém mais poderá fazer isso por eles”.⁵ Para isso, conforme já mencionado, seis regras deverão ficar expostas na sala de aula, de forma a intimidar o professor e estimular a delação:

- 1 – O Professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.
- 2 – O Professor não favorecerá nem prejudicará ou constrangerá os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.
- 3 – O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.
- 4 – Ao tratar de questões políticas, socioculturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria.
- 5 – O Professor respeitará o direito dos pais dos alunos a que seus filhos recebam a educação religiosa e moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.
- 6 – O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de estudantes ou terceiros, dentro da sala de aula (PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO).

Desta forma, determinados temas estariam vedados e os professores se tornariam os únicos trabalhadores a não possuírem liberdade de expressão. O absurdo se torna evidente: a sala de aula, local privilegiado de

discussão, torna-se apenas um lugar no qual um instrutor, amedrontado, despeja conteúdos sobre os alunos para que estes os memorizem e os reproduzam nas avaliações, sem reflexão, naquilo que Paulo Freire chama de concepção “bancária” da educação, na qual

em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (FREIRE, 2005, p. 66).

Ainda segundo Freire, frente a uma educação crítica e libertadora, esta prática mecanicista, que é a defendida pelo movimento Escola sem Partido, não é ingênua, sendo profundamente ideológica, no sentido de falseamento da consciência, possuindo objetivos de dominação muito claros:

A educação como prática da dominação, que vem sendo objeto desta crítica, mantendo a ingenuidade dos educandos, o que pretende, em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão (FREIRE, 2005, p. 76).

Portanto, a partir desta leitura de Freire, o projeto ESP, que acusa os professores de “doutrinadores”, nada mais é do que uma doutrina, que tem por objetivo evitar a todo custo a emergência da consciência crítica nos alunos (consciência essa que serve à transformação da sociedade), mantendo-os dóceis e controlados, promovendo assim o imobilismo perante a exploração e a opressão. É a típica visão de que a educação, sobretudo a dos pobres, deve servir exclusivamente para a formação de mão de obra, desqualificando a formação cidadã dos indivíduos como “doutrinação”.

3 ENSINO LAICO E LIBERDADE DE ENSINAR

Uma conquista essencial das sociedades democráticas de direito é a laicidade do ensino. Portanto, religião e educação pública não se misturam. Na escola, se houver, o ensino religioso deve abarcar todas as manifestações espirituais, sem favorecer esta ou aquela crença, apesar do atual entendimento contrário do STF.⁶ Afinal, a escola, embora a subjetividade também esteja presente, é lugar de conhecimento racional e científico, deixando a fé para as igrejas e famílias.

⁵ PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <<https://www.programaescolasepartido.org/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

⁶ MARTÍN, Maria. STF decide que escola pública pode promover crença específica em aula de religião. *El País*, 27 set. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332_350482.html>. Acesso em: 16 abr. 2018.

A laicidade do Estado brasileiro é definida pelo artigo 19 da Constituição Federal de 1988, que afirma:

É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:

I – estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público (BRASIL, 1988).

Portanto, o estado laico tem como objetivos primordiais garantir todas as religiões, ao mesmo tempo que não professa nenhum credo. De acordo com Cury (2004, p. 183), “o ensino religioso é problemático, visto que envolve o necessário distanciamento do Estado laico ante o particularismo próprio dos credos religiosos”. Como se pode verificar, a questão é polêmica e volta e meia defensores do ensino confessional e defensores do ensino laico colidem em suas opiniões, em um tema que suscita embates vigorosos.

Um movimento conservador e reacionário como o ESP hipocritamente defende que a educação deve ser neutra, mas, por outro lado, afirma que as crenças religiosas das famílias dos alunos, evidentemente a fé cristã (ANGELO, 2017), não podem ser examinadas e problematizadas pelos educadores. Nessa defesa, identificam-se ao menos dois graves erros: em primeiro lugar a escola não ataca, a priori, nenhuma fé, ela discute e problematiza ideias ao mesmo tempo que analisa fatos, sejam eles históricos, sociais, biológicos, etc. Com frequência, este fato colide com doutrinas religiosas. Em segundo lugar, se a escola for um espaço dedicado a ratificar o senso comum – que é uma forma de “pensamento necessariamente conservador e fixista” (SANTOS, 1989, p. 32), devendo, portanto, ser desconstruído pela ciência, que é essencialmente calcada na ruptura de paradigmas –, não há necessidade de sua existência, já que as crianças e jovens teriam todo aprendizado que necessitam na família. O que fica subentendido na proposta, além de sua demanda por “neutralidade”, é que o professor não pode ter “partido”, mas que seria conveniente ter religião.

Contudo, podemos aventar a hipótese de que a neutralidade não existe. Afinal, todos temos nossas próprias histórias, construídas a partir de nossas experiências e conhecimentos acumulados ao longo da vida, que nos tornam aquilo que somos, seja em termos políticos, morais, religiosos e/ou ideológicos, etc. Portanto,

ao exigir neutralidade no âmbito do ensino e da pesquisa escolar e universitária, o Movimento ESP coloca o sistema de ensino em uma situação bas-

tante contraditória e ambígua na medida em que não existe neutralidade humana e, por conseguinte, também não haveria neutralidade da ciência. Trata-se, pois, de um objetivo impossível de ser alcançado, mas marcado muito mais por um viés simbólico capaz de colocar os agentes de ensino em posições delicadas diante de diversas interpretações acerca da “neutralidade”. **É sabido que diversas questões políticas, socioculturais e econômicas não fornecem contrapontos ou correntes de pensamento reconhecidas, testáveis e cientificamente respeitáveis para serem debatidas em sala de aula** [grifo nosso] (GABATZ, 2018, p. 337).

Como ser neutro perante o holocausto nazista? Como ser neutro diante dos horrores da escravidão africana? Como apresentar em relação a estes temas “versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito da matéria”? Percebe-se assim, o caráter ideológico do projeto, que não tem pudor em relativizar acontecimentos traumáticos da história, desde que sejam atingidos os objetivos de proibir que o professor manifeste qualquer juízo de valor em sala de aula, num ataque à liberdade de ensinar.

Um ideal que é possível perseguir seria o da imparcialidade. Por exemplo: um professor, mesmo que politicamente à esquerda ou à direita, pode explicar para seus alunos as principais características da esquerda e da direita sem oferecer nenhum tipo de juízo de valor (BOBBIO, 1995). No entanto, para os defensores do ESP isto seria impossível, ao partirem da premissa de que a maior parte dos professores atua como militantes esquerdistas, doutrinadores que se aproveitam da “ingenuidade” de seus alunos para conquistá-los para suas causas. Segundo o site do ESP, em sua leitura enviesada e ideológica do papel da educação, que é despertar a consciência crítica, os professores sempre direcionam seus alunos “para os mesmos alvos: a civilização ocidental, o cristianismo, os valores cristãos, a Igreja Católica, a “burguesia”, a família tradicional, a propriedade privada, o capitalismo, o livre-mercado, o agronegócio, o regime militar, os Estados Unidos, etc. (PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO). Ao mesmo tempo que revela claramente seu direcionamento ideológico, o movimento combate o direito dos professores problematizarem (função primordial de um educador) os temas citados.

Da mesma forma, o ESP vê os jovens alunos como tábulas rasas, que não contestam ou não avaliam criticamente aquilo que seus professores ensinam em aula. Cada vez mais os alunos, ao acessarem todo tipo de informação (que, saliente-se, não é necessariamente conhecimento), colocam-se em posição de contrapor

aquilo que aprendem na escola ao que conhecem na internet, nos livros, no cinema, na televisão. A ideia do ESP soa absurda: os alunos seriam criaturas passivas, vitimadas por terríveis vilões travestidos de educadores.

O projeto atenta contra a liberdade de ensinar, prevista na Constituição Federal⁷, ao colocar o professor sob censura, transformando-o em mero repassador de conteúdos. Além disso, ataca o ensino laico, já que seu objetivo é criar uma “escola sem partido”, mas, por outro lado, como vimos, é evidente sua intenção de estabelecer uma “escola com religião”.

4 SÉRIES DE TV COMO INSTRUMENTOS PARA LEITURA DE MUNDO

Após a revolução historiográfica posta em curso pela Escola dos Annales, na década de 1920, houve a ampliação do que se considerava fonte histórica. Até então, eram tidas como fontes válidas apenas documentos oficiais, que eram encarados como representações fidedignas dos acontecimentos do passado. Com a nova concepção dos Annales, todo vestígio da atividade humana passou a ser utilizado como ferramenta para a interpretação do passado (BURKE, 2010).

Assim, as imagens em movimento (filmes e séries) passaram também a ser objeto de estudo, sobretudo entre as décadas de 1960 e 1970, com a terceira geração dos Annales. Através da linguagem própria do cinema, foi possível encetar investigações que objetivavam estudar a história das ideias e das mentalidades, alargando as possibilidades dos historiadores e cientistas sociais (SILVA JÚNIOR, 2016).

Tal qual o cinema, as séries televisivas também podem ser estudadas de forma a se buscar sentido nas atividades humanas. Desde tempos imemoriais, o ser humano conta histórias, que funcionam, em grande parte das vezes, como representações dos problemas, anseios e visões de mundo de uma determinada época. Segundo Eco (1994, p. 93), “essa é a função consoladora da narrativa – a razão pela qual as pessoas contam histórias e têm contado histórias desde o início dos tempos. E sempre foi a função suprema do mito: encontrar uma forma no tumulto da experiência humana”.

Desta maneira, como a narrativa histórica é um “processo de constituição de sentido da experiência do tempo” (RÜSEN, 2011, p. 95), a narrativa ficcional em produções audiovisuais também serve à construção dos significados da realidade:

A linguagem existente no cinema nos impulsionou a observar analiticamente os detalhes, as miudezas, os pequenos contornos, toda pequena particularidade que passa despercebida por nossos olhos, em nossa realidade [...] O exercício cognitivo que nasce da chamada linguagem cinematográfica nos permite evidenciar diferentes práticas humanas, bem como suas variações e símbolos que se fazem presentes num mundo inventado que reflete nossa própria realidade [...] A linguagem cinematográfica, por sua vez, surge como reveladora de uma realidade de significados, que permite ao cientista social um vislumbre das ações dos indivíduos (SILVA JÚNIOR, 2016, p. 123).

Esta mobilização e construção de sentidos que ocorre por meio das séries televisivas nos ajuda a compreender melhor o mundo no qual estamos inseridos, e, ao serem estudadas, as séries nos permitem estabelecer as conexões entre ficção e realidade:

Estudar a ficção é mais do que pesquisar os produtos que, inspirados por ela, se consagraram como suas formas de expressão. Trata-se de perscrutar as relações que, através das narrativas ficcionais, sob diferentes veículos e linguagens, se estabelecem entre os agentes envolvidos e entre eles e a realidade que os circunda e contextualiza (COSTA, 2002, p. 31)

No entanto, as séries de televisão, que são filhas do modelo seriado de cinema surgido por volta de 1913, além das semelhanças com a linguagem cinematográfica, apresentam algumas diferenças essenciais. Por exemplo, a “apresentação descontínua e fragmentada” (MACHADO, 2001), que contribui para manter a atenção do espectador através dos “ganchos”, recurso herdado dos folhetins. Outra diferença reside na configuração dos personagens. Em uma série de televisão existe a tendência de que grupos de protagonistas sobressaiam em relação a um único indivíduo heroico. Neste último caso, a narrativa privilegia seres excepcionais, com características invariavelmente exemplares, que acabam por se demonstrar personagens unidimensionais. No caso dos grupos de personagens que dividem a atenção do público, existe a ênfase nas relações internas, trazendo à narrativa uma dimensão mais humana (DANTAS, 2015).

Este último exemplo caracteriza a série de ficção científica *Star Trek: Deep Space Nine*, na qual o núcleo principal de personagens é formado por tripulantes de uma estação espacial situada nos confins do espaço conhecido. A cada novo episódio, devido às interações

⁷ Artigo 206, inciso II: “liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber” (BRASIL, 1988).

deste coletivo, os personagens são obrigados a lidar com as consequências de seus atos realizados nos episódios anteriores (NOGUEIRA; ALEXANDRIA, 2016, p. 168), promovendo uma serialização da obra que gera um maior envolvimento do público com os personagens e seus dilemas.

5 BREVES APONTAMENTOS SOBRE A FRANQUIA TELEVISIVA *STAR TREK* (JORNADA NAS ESTRELAS)

Em 8 de setembro de 1966 estreava *Star Trek*⁸, uma série de ficção científica que iria transformar para sempre o gênero e o mundo.⁹ Até então, as produções deste nicho da indústria cultural (livros, histórias em quadrinhos, filmes e séries) apresentavam visões distópicas do futuro da humanidade, onde guerras, pestes e fome compunham um quadro aterrador do devir histórico.

Criada por Gene Roddenberry, *Star Trek* tomou o caminho oposto: as aventuras da nave estelar *Enterprise*, comandada pelo capitão James T. Kirk, apoiado constantemente pelo seu oficial de ciências Sr. Spock e pelo Dr. McCoy, se passam no século 23, onde a humanidade superou a maior parte dos seus problemas, vivendo em uma espécie de paraíso social – inclusive em harmonia com raças alienígenas –, reunida em uma instituição semelhante ao que idealmente significa a Organização das Nações Unidas (ONU), chamada em seu universo ficcional de Federação dos Planetas Unidos (FPU).

A principal razão para esta nova configuração da sociedade reside na superação da escassez material que aflige a maior parte da população, característica do sistema capitalista. Na linha de frente desta nova realidade estão os aparelhos “replicadores”, que podem produzir instantaneamente desde xícaras de café, roupas e ferramentas até objetos mais complexos como maquinário industrial e computadores. De acordo com Saadia

(2016, p. 9), o aspecto central daquela sociedade está no acesso universal a estes equipamentos:

O que realmente importa, e o que torna *Star Trek* uma utopia singular, é a distribuição social desta tecnologia impressionante. O que distingue a Federação dos Planetas Unidos não é tanto o fato de que eles inventaram os replicadores, estas máquinas mágicas que podem produzir quase qualquer coisa sob demanda, mas antes que estes replicadores são gratuitos e disponíveis a todos como bens públicos [tradução nossa].

Portanto, na sociedade utópica de *Star Trek*, é resolvido o problema das necessidades materiais dos seres humanos, já que não há mais a imposição da produção e troca de mercadorias. Como consequência principal, o trabalho perde o sentido, podendo cada indivíduo se dedicar a qualquer atividade que bem entenda, tornando-se assim os valores mais importantes desta sociedade a honra e a reputação (SAADIA, 2016, p. 10). Podemos sintetizar o ideal de *Star Trek* na seguinte fala do capitão Picard¹⁰ no filme *Star Trek: First Contact* (1996): “Não existe dinheiro no século 24. Acumular riqueza não é mais a força motriz de nossas vidas. Trabalhamos para melhorar a nós mesmos e o resto da humanidade” (tradução nossa).

6 *STAR TREK: DEEP SPACE NINE* – UMA JORNADA DIFERENTE

Quase três décadas após a estreia da série original (TOS), ia ao ar uma nova encarnação da série, intitulada *Star Trek: Deep Space Nine* (DS9). Ao contrário de suas antecessoras, desta vez as histórias não estavam centradas em uma nave espacial que costumava ir “onde ninguém jamais esteve”¹¹. Na nova série, a história se passa em uma estação espacial (*Deep Space Nine*), nos limites do universo explorado pela Frota Estelar (braço científico e diplomático e militar da Federação).

⁸ Após a série original, de 1966, que durou apenas três temporadas, outras seis produções foram ao ar ao longo de cinco décadas: *Star Trek: The Animated Series* (1973-1974), *Star Trek: The Next Generation* (1987-1994), *Star Trek: Deep Space Nine* (1993-1999), *Star Trek: Voyager* (1995-2001), *Star Trek: Enterprise* (2001-2005) e *Star Trek: Discovery* (2017-). Além das séries, que perfazem mais de 700 episódios, já foram lançados 13 filmes da franquia entre 1979 e 2016.

⁹ Além do impacto cultural, *Star Trek* influenciou cientistas em seus inventos (como o telefone celular, por exemplo) e inspirou a Agência Espacial Norte-Americana (NASA) a escolher o nome do seu primeiro ônibus espacial como “*Enterprise*” (NOGUEIRA; ALEXANDRIA, 2016, p. 7).

¹⁰ Jean-Luc Picard (Patrick Stewart) é o capitão na nave USS Enterprise – NCC1701-D, na série *Star Trek: The Next Generation*, segunda encarnação “live action” da franquia, que se passa em torno de 80 anos após as aventuras da Enterprise de Kirk. A série somou 178 episódios, em sete temporadas, que foram ao ar entre 1987-1993. Após o término da série, foram produzidos ainda quatro longas-metragens para o cinema.

¹¹ A cada episódio de TOS eram recitadas na abertura, na voz do capitão Kirk (William Shatner), as seguintes palavras: “O espaço, a fronteira final... Estas são as viagens da nave estelar Enterprise, em sua missão de cinco anos para a exploração de novos mundos, para pesquisar novas vidas, novas civilizações, audaciosamente indo onde nenhum homem jamais esteve.” Já em TNG (1987), a parte final foi alterada para “audaciosamente indo onde **ninguém** jamais esteve”, com o objetivo de promover inclusão de gênero [grifos nossos].

Star Trek: Deep Space Nine abriu novos caminhos na complexidade e ambiguidade moral de seus personagens e de suas situações. Com sua descrição madura dos efeitos posteriores da ocupação brutal de Bajor pelos cardassianos, a série conseguiu lidar com questões de justiça transicional similares àquelas levantadas no pós-Holocausto, o final do Apartheid e do governo branco na África do Sul e a queda do comunismo no Leste Europeu, para citar alguns (LEE, 2010, p. 123).

O ponto de partida da série mostra os eventos ocorridos logo após a retirada dos cardassianos¹², depois de 60 anos de ocupação do planeta Bajor. O comando do planeta é devolvido ao seu povo, e, para mediar o processo e evitar que os cardassianos retornem, a Federação é convidada a administrar em conjunto a Bajor a Estação Espacial 9, originalmente uma estação cardassiana destinada a processar minérios extraídos do planeta dominado. Agora sob o comando da Federação e do governo provisório de Bajor, instalado logo após o término da ocupação, o comandante Benjamin Sisko (Avery Brooks) precisa lidar com a intrincada política envolvendo cardassianos e bajorianos e, igualmente, com as crenças religiosas destes últimos, que acabam por encará-lo como um “emissário dos profetas”, previsto em antigas profecias.

O fato que faz Sisko ser visto como um emissário está em sua descoberta de um *wormhole* (buraco de minhoca)¹³ nas proximidades de Bajor e da estação. Segundo as crenças bajorianas, o *wormhole* é na verdade o “Templo Celestial”, que seria a morada dos profetas cultuados por Bajor. No entanto, a descoberta permite o acesso ao outro lado da galáxia, chamado na série de Quadrante Gama, ao qual, com a tecnologia de transporte conhecida como dobra espacial¹⁴, mais veloz que a luz, se levaria muitas décadas para chegar. Através do *wormhole*, é possível cruzar a distância em alguns poucos segundos, o que lhe confere seu grande valor estratégico. A partir deste novo dado, o papel da Frota Estelar, além de ajudar na transição entre dois momentos

históricos de Bajor, passa a ser o de monitorar a descoberta ao mesmo tempo que a utiliza para explorar o outro lado da galáxia.

Star Trek: Deep Space Nine se diferencia das outras séries de *Star Trek* que a antecederam por não estar centrada exclusivamente em personagens da Frota. Desta vez, por mostrar na tela uma estação espacial na qual diversas outras raças alienígenas circulam, em grande parte oriundas de civilizações que não compartilham dos valores da Federação, facetas sombrias dos personagens são exploradas, surgindo diversos conflitos a partir daí.¹⁵ Portanto, uma visão do futuro um pouco menos utópica, quando comparada a *Star Trek* e *Star Trek: The Next Generation*.

Uma das principais oposições exploradas está no embate entre ciência e religião. O povo bajoriano possui uma cultura espiritualizada, com uma estrutura eclesial complexa, onde muitos dos seus integrantes veem com suspeição o ensino laico, considerado uma afronta às suas crenças.

7 “NAS MÃOS DOS PROFETAS”: APROXIMANDO O ESCOLA SEM PARTIDO E A “ESCOLA COM RELIGIÃO” EM *DEEP SPACE NINE*

Este é o pensamento de Winn Adami (Louise Fletcher), a *kai* de Bajor. *Kai* é um título semelhante ao de Papa, ou seja, Winn Adami é a líder religiosa do espiritualizado povo bajoriano. A estrutura hierárquica da religião de Bajor é semelhante à estrutura da Igreja Católica, onde os *vedeks* ocupam o posto do que seriam os cardeais. Antes de se tornar *kai*, Winn era uma *vedek* fundamentalista, artilosa e obcecada pelo poder.

Na primeira temporada de *Deep Space Nine*, em seu 20º e último episódio “*In the Hands of Prophets*” (Nas Mãos dos Profetas)¹⁶, a *vedek* Winn chega à estação com o objetivo de interferir nos trabalhos de sua escola, conduzida pela botânica Keiko O’Brien (Rosalind Chao). Evidentemente, em sua atuação como professora, Keiko procura reger suas aulas de maneira laica, priorizan-

¹² Raça alienígena oriunda de uma sociedade rígida e militarizada. CARDASSIAN. **Memory Alpha**. Disponível em: <<http://memory-alpha.wikia.com/wiki/Cardassian>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹³ Segundo a astrofísica: um *wormhole* pode conectar enormes distâncias, como bilhões de anos-luz, através de um atalho no espaço-tempo. WORMHOLE. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Wormhole>>. Acesso em: 21 abr. 2018.

¹⁴ A “velocidade de dobra”, ou “dobra espacial”, é a maneira como as espaçonaves do universo de *Star Trek* se deslocam pela galáxia. Assim, as naves atingem velocidades superiores à da luz, tornando viáveis as viagens interestelares. O conceito é baseado na Teoria da Relatividade, de Albert Einstein (KRAUSS, 1996).

¹⁵ Uma das regras criadas por Gene Roddenberry é a de que não poderia existir conflitos entre os personagens principais. Após sua morte, esta regra foi flexibilizada na criação de *Deep Space Nine* (1993), segundo seus criadores para possibilitar boas histórias, já que histórias dramáticas sempre se estruturam sobre conflitos.

¹⁶ Escrito por Robert Hewitt Wolfe e dirigido por David Livingston. Foi ao ar pela primeira vez em 20 de junho de 1993. Disponível na Netflix no link: <www.netflix.com/watch/70205825>. Acesso em: 17 abr. 2018.

do o conhecimento científico em vez das crenças religiosas, não somente de Bajor, mas de quaisquer outras civilizações. Aqui há uma primeira aproximação à concepção laica do ensino, que discutimos anteriormente.

Desde o século XIX, nos Estados Unidos, igrejas protestantes buscam determinar que o criacionismo seja ensinado nas escolas norte-americanas. Essa luta foi re-creada na década de 90, após a emergência do projeto *Voices of Evolution* (1995), que tinha como objetivo prestar suporte aos professores interessados em ensinar a teoria evolucionista em suas aulas. Portanto, é neste contexto que se insere o episódio “*In the Hands of Prophets*”.

A questão é que o posicionamento laico de Keiko incomoda a *vedek*, que, além de invadir, de forma desrespeitosa, uma de suas aulas¹⁷, passa a mobilizar os pais dos alunos contra a educação laica, que considera uma profanação da doutrina religiosa bajoriana. Para a *vedek*, ao ensinar que o *wormhole* é de uma estrutura artificial, criada por alienígenas – contatados pelo comandante Sisko, na ocasião de sua descoberta¹⁸ –, Keiko estaria incorrendo em blasfêmia, desrespeitando a crença de que o “buraco de minhoca” é o Templo Celestial, morada dos Profetas, entidades objeto de veneração pelos bajorianos.

Durante a aula, Keiko explica a seus alunos o contexto de descoberta do *wormhole* e faz questionamentos à turma:

KEIKO: Agora, como discutimos na aula de ontem, o *wormhole* foi descoberto pelo comandante Sisko e pela tenente Dax neste ano. Alguém sabe o que torna este *wormhole* tão incomum? Jake?

JAKE: É estável?

KEIKO: É estável. Está certo, Jake. É o primeiro *wormhole* estável que existe.¹⁹

Logo em seguida, a *vedek* adentra a sala de aula com o objetivo de fiscalizar os ensinamentos de Keiko, pedindo que esta continue a falar. A aula prossegue:

KEIKO: Um *wormhole* estável é importante porque podemos viajar por ele com a certeza de que nenhum dos lados trocará de lugar. Quem sabe me dizer por que este *wormhole* é estável? Porque foi

construído artificialmente. O Comandante Sisko encontrou as entidades que criaram o *wormhole* quando ele...

WINN: Desculpe-me. As “entidades” de que fala são os “profetas”?

KEIKO: Sim, em Bajor, as entidades são adoradas como profetas. Nossos estudos do *wormhole* mostraram que ele foi feito com partículas únicas, chamadas véterons [elementos fictícios], que parecem ser autossuficientes em essência. Assim, começamos a explicar como uma nave de impulso consegue passar sem...

WINN: As naves são guiadas com segurança através da passagem **pelas mãos dos profetas**.

KEIKO: De certo modo, sim.

WINN: Não do modo como está explicando.

KEIKO: Talvez devamos discutir isso depois da aula [grifo nosso].

No trecho acima, percebemos que as intervenções da *vedek* Winn gradualmente se tornam mais agressivas. Em um primeiro instante, ela busca certificar-se de que a professora está de fato tratando as entidades pelo ponto de vista científico, ou seja, como simples alienígenas que habitam o *wormhole*. Keiko tenta se desvencilhar da armadilha delimitando as diferentes perspectivas acerca do binômio entidades/profetas, e busca seguir sua aula. Winn então afirma que são os profetas que guiam as naves, com o que Keiko acaba por concordar em parte, já que são os alienígenas do *wormhole* que criaram as condições para que este conduza as naves em segurança. No entanto, Winn radicaliza sua posição e afirma que Keiko está totalmente errada. Na parte final da cena, Winn pressiona Keiko com a intenção de fazê-la admitir que não crê nos profetas:

WINN: Acredita na existência do Templo Celestial dos Profetas dentro da passagem?

KEIKO: Respeito a crença bajoriana de que isto é verdade.

WINN: Mas não é o que ensina.

KEIKO: Não, não ensino crenças espirituais bajorianas. Esse trabalho é seu. O meu é abrir as mentes das crianças para história, literatura, matemática, ciência.

WINN: Está abrindo as mentes das crianças à blasfêmia. E não posso permitir que isto continue.

¹⁷ No Brasil, em 2017, a imprensa noticiou que o vereador Fernando Holiday (DEM), da cidade de São Paulo, invadiu salas de aula de escolas públicas para verificar se estava ocorrendo “doutrinação ideológica”. O vereador é ligado ao Movimento Brasil Livre (MBL), grupo de direita que apoia o Escola sem Partido. FERNANDO Holiday está invadindo escolas públicas em São Paulo, **Pragmatismo Político**, 05 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/04/fernando-holiday-esta-invadindo-escolas-publicas-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

¹⁸ “The Emissary”, primeiro episódio da série, dividido em duas partes, com roteiro de Michael Piller e direção de David Carson. Exibido originalmente em 3 de janeiro de 1993. Disponível na Netflix em: <www.netflix.com/watch/70205806>. Acesso em: 17 abr. 2018.

¹⁹ Este trecho e os seguintes são citações retiradas das legendas em português do episódio disponível na Netflix.

Finalmente, a disputa se escancara, com Keiko defendendo o direito de crença dos bajorianos, porém, reafirmando seu papel como professora laica, de não ratificá-las em sala de aula, lugar de aprendizado das diversas ciências. De acordo com Keiko, a doutrina religiosa deve ser ensinada pela *vedek*, já que esta é reconhecida como autoridade eclesiástica. Por fim, a *vedek* intimida Keiko, ao acusá-la de blasfêmia, algo inaceitável pelos setores fundamentalistas da fé bajoriana. Simultaneamente, a *vedek* interfere na liberdade de ensinar de Keiko e impõe o caráter religioso do ensino.

Keiko, exercitando sua autonomia docente, bate de frente com Winn Adami, não aceitando a interferência da líder religiosa no currículo escolar. Afinal, como discutimos acima, não é papel do professor, crítico por natureza, reproduzir explicações da realidade que não possuam embasamentos empíricos ou teóricos de pesquisa. Caso muito diferente das religiões, que estruturam seu conhecimento, prioritariamente, sobre outra importante dimensão humana que é a fé.

Portanto, ao interferir na liberdade de ensinar da professora Keiko, a *vedek* Winn aproxima-se dos defensores do ESP, em suas tentativas de proibir determinados temas que colidam com a educação religiosa advinda de casa e da igreja. O entendimento aqui é de que os alunos não teriam direito a tomar contato com “atividades que pudessem contrariar as crenças vividas em casa” (GABATZ, 2018, p. 339). Da mesma forma, podemos perceber a aproximação das duas visões a partir de suas características autoritárias, que, à revelia dos educadores, definem aquilo que é ou não é correto ensinar. Por um lado, a afirmação de que a escola possui partido, por outro, a defesa de que a escola deve ter religião.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento Escola sem Partido representa uma tentativa de setores conservadores da sociedade brasileira de impor suas visões retrógradas a respeito da educação. No centro de sua proposta está o cerceamento da atividade docente, com base em sua crença de que os professores são militantes que têm por objetivo único doutrinar os alunos de acordo com suas ideologias políticas de esquerda. Em complemento a isto, o programa defende que a escola não tem o direito de discutir temas que possam contrariar os ensinamentos religiosos que os alunos trazem de casa. Assim, se faz necessária a discussão alerta sobre este ataque ao ensino laico, à liberdade de ensinar e, por fim, ao desenvolvimento do pensamento crítico dos alunos, papel fundamental da escola democrática e cidadã.

Nossa reflexão partiu da premissa de que produções audiovisuais como o cinema, e mais precisamente as séries de televisão, como proposto no artigo, servem como importante ferramenta para a problematização e interpretação dos desafios que professores enfrentam no contexto de retirada de direitos que vigora no país. Ao cotejarmos as produções ficcionais que representam problemas sociais, como no caso da série *Star Trek: Deep Space Nine*, com a realidade cotidiana, surge a possibilidade de enxergarmos e discutirmos mais profundamente problemas que afetam a própria realização democrática do estado de direito.

Como visto no episódio da série analisado, a ficção se aproxima da realidade. Em “*In the Hands of Prophets*” vemos claramente como é perniciosa a invasão autoritária de elementos estranhos à prática educativa, com a intenção de moldá-la a seus próprios interesses, destruindo-se assim dois pilares da democracia: o ensino laico e a liberdade de cátedra.

Nem todo religioso ou toda religião são obscurantistas. Assim como nem todos os conservadores são reacionários. Contudo, com frequência, os aspectos conservadores e religiosos se situam na base de movimentos que (embora neguem) possuem objetivos políticos e orientações ideológicas bem definidas, tais como o Escola sem Partido e o fundamentalismo da personagem *vedek* Winn. Em síntese, ambos buscam anular o pensamento crítico, manter sob controle parcelas significativas da sociedade e inviabilizar qualquer tipo de transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

- ANGELO, Carise Martins. “Escola sem Partido” ou “Escola com Mordaza”: precisamos refletir acerca do nosso papel docente. In: SEMANA DE EDUCAÇÃO TANIA MARA TAVARES DA SILVA, 7., 2017, Rio de Janeiro. **Universidade e Democracia – Resistência em tempos sombrios**, 15 a 20 maio. Rio de Janeiro: CCH, 2017. p. 65-73. Disponível em: <<http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/2017AnaisVIISemanaDeEducaoTaniaMaraTavaresDaSilvaUniversidadeeDemocraciaResistenciaemTemposSombrios.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- BOBBIO, Norberto. **Direita e Esquerda**: razões e significados de uma distinção política. São Paulo: Unesp, 1995.
- BRANDT, Cleri Aparecida; MIALHE, Jorge Luís. A educação na Alemanha nazista e seu papel na modulação de ideias e comportamentos. **Hist. educ. anu.**, Buenos Aires, v. 14, n. 2, dic. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2313-92772013000200003>. Acesso em: 15 abr. 2018.

- BRASIL. **Constituição Federal, 1988**. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_atual/art_206_.asp>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929 – 1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Unesp, 2010.
- CARDASSIAN. **Memory Alpha**. Disponível em: <<http://memory-alpha.wikia.com/wiki/Cardassian>>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Convenção Americana sobre Direitos Humanos**. 1969. Disponível em: <https://www.cidh.oas.org/basicos/portugues/c.convencao_america.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.
- COSTA, Maria Cristina Castilho. **Ficção, comunicação e mídias**. São Paulo: SENAC, 2002.
- CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino religioso na escola pública: o retorno de uma polêmica recorrente. **Revista Brasileira de Educação**, n. 27, p. 183-213, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/0D/rbedu/n27/n27a12.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- DANTAS, Silvia Góis. As séries televisivas no contexto da ficção nacional: uma aproximação. **Vozes & Diálogo**, Itajaí, v. 14, n. 2, p. 165-179, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/vd/article/download/7356/4802>>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ESCOLA SEM PARTIDO. **FAQ**. Disponível em: <<http://escolasempartido.org/FAQ>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- FERNANDO Holiday está invadindo escolas públicas em São Paulo. **Pragmatismo**, 05 abr. 2017. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/04/fernando-holiday-esta-invadindo-escolas-publicas-em-sao-paulo.html>>. Acesso em: 17 abr. 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GABATZ, Celso. O movimento Escola sem Partido e a criminalização ideológica na educação brasileira contemporânea. **Contexto & Educação**, v. 33, n. 104, p. 323-345, jan./abr. 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/7110>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- KRAUSS, Lawrence M. **A física de Jornada nas Estrelas**. São Paulo: Makron Books, 1996.
- LEE, Sander. Odo é um colaborador? In: EBERL, Jason T.; DECKER, Kevin S. (org.). **Star Trek e a filosofia**. São Paulo: Madras, 2010. p. 123-133.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2001.
- MARTÍN, Maria. STF decide que escola pública pode promover crença específica em aula de religião. **El País**, 27 set. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/08/31/politica/1504132332_350482.html>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- NOGUEIRA, Salvador; ALEXANDRIA, Susana. **Jornada nas Estrelas: o guia da saga**. São Paulo: Leya, 2016.
- PROGRAMA ESCOLA SEM PARTIDO. Disponível em: <<https://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: 15 abr. 2018.
- RÜSEN, Jörn. Narrativa histórica: fundamentos, tipos, razão. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; REZENDE, Estevão de. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011. p. 93-108.
- SAADIA, Manu. **Treconomics**. San Francisco, Califórnia: Piper Text Publishing, 2016.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- SILVA JÚNIOR, Ailton Costa. A linguagem cinematográfica como instrumento interpretativo da realidade social. **Sinais**, Vitória, n. 20, p. 117-132, jul./dez. 2016. Disponível em: <www.publicacoes.ufes.br/sinais/article/viewFile/13357/10324>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- WORMHOLE. In: WIKIPEDIA. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/Wormhole>>. Acesso em: 21 abr. 2018.